

Letrário\**editora*

**O Amor**  
João Camilo

Junho 2008



*Our interest in a 'feeling' is of a quite particular kind. It includes, for instance, the degree of the 'feeling', its 'place', and the extent to which one feeling can be submerged by another.*

Wittgenstein

O que é que torna uma mulher diferente de outra mulher? Há quem acredite no sentido das palavras, há quem não acredite. Isto é, há quem se submeta à ordem, à lei, quem respeite ou tente respeitar o acordo tácito sobre o sentido da linguagem. E há quem permanentemente viva na desordem, no caos dos sentimentos, no desrespeito do dicionário.

Eu tinha tanto a aprender. E havia de morrer ignorante. De tudo o que a vida tinha para me oferecer, só vira, só aprendera e soubera aproveitar, ninharias, dava-me conta agora. Havia mil maneiras de viver. A minha tinha sido modesta, irresponsável, superficial. E ainda assim tinha sofrido e conhecido a alegria.

Ela estava sentada na esplanada ao sol, era domingo, estava meio zangada comigo. Eu estava a dormir quando ela me telefonara, tinha-me vestido à pressa e tinha vindo a correr. Quinze minutos, depois ela ia trabalhar. Pensei em não ir, não sou cãozinho que obedeça a assobios. Mas decidi ir porque não a via há dois dias.

Escrevi-te, não me respondeste, disse eu, depois de me ter sentado, com a voz grave de quem acaba de sair do sono. Estava a deliciar-me com o sol que depois da chuva visitava de novo o dia. Ela tirou os óculos escuros para olhar para mim e explicou: não gostei da mensagem que me enviaste. Qual, perguntei eu. E fui enumerando. Percebi. Numa espécie de poema emaranhado, eu tinha-me queixado: eu mal a via, ela parecia que não tinha nada a dizer-me, eu sentia-me mais só do que antes de a ter conhecido. Só faltou dizer merda para isto tudo. Não disse, claro, mas podia sentir-se que o podia ter dito ou que o estava a dizer. Ela não gostara.

Tão séria. Nunca a tinha visto de saia. Quando cheguei ao café, a primeira coisa em que reparei foi nas suas pernas. Ela mal moveu a cabeça quando eu cheguei, parecia o início de um filme melancólico e muito severo. Não quero sentir-me culpada, disse ela, não me faças sentir-me culpada. Estás mesmo zangada comigo, comentei eu. Ela disse qualquer coisa, não entendi o quê exactamente. Se quis ver-me, pensei eu entretanto, é porque não estava muito zangada. Aliás ela já me tinha enviado uma mensagem na véspera, mas eu tinha estado ocupado o dia inteiro e não pude ir ter com ela.

Tens de entender que neste momento te dou o que te posso dar, disse ela. E já te dei mais do que nunca dei a ninguém. É essa a situação, não sei se aceitas ou se. Ou se quê, pensei eu. Mas nem quis saber da resposta a tal pergunta. Pedi desculpa, disse que compreendia e que aceitava. Aceitava o quê? Esperar por ela. Esperar pelo amor dela. Esperar pela libertação. Esperar que o tempo passe. Esperar pelo desejo irresistível, sem saber sequer se o meu desejo seria irresistível quando chegasse o momento. Estou a meter-me em sarilhos, pensei. Talvez eu não mereça um amor tão sério. Talvez não o queira. Não é que eu só pensasse em divertir-me, dormir com ela. Nada disso. Mas a impressão de estar a ser reeducado para o amor por um mulher – mais uma na

minha vida, mas pelos vistos muito exigente – deixava-me inquieto. Ela mal olhava para mim, nem sei se me sorriu quando me viu chegar. Se não a conhecesse teria ficado preocupado.

Estava a entender que com ela as palavras que eu uso afinal têm um significado preciso. Tinha de me deixar de brincadeiras, de jogos, de parvoíces. Não tinha o direito de falar sem reflectir, só para a pressionar ou a fazer sentir-se culpada. Por esse caminho eu não iria a Roma nem a lugar nenhum, em breve estaria de novo só. Reflecti na minha irresponsabilidade, sintoma indesmentível de que para mim a vida nunca fora coisa que se devesse levar excessivamente a sério. Interroguei-me: não estará isto tudo a ser de mais para mim? Para quê tantas complicações?

Bastava-me olhar para ela para perceber. Ela era diferente. Parecia que me estava a criticar, mas estava a tratar-me com uma consideração para mim inesperada, estava a exigir alguma coisa de mim. Respeito, nomeadamente. Eu não sabia, repito, se estava à altura de tamanha expectativa, se merecia ser objecto de tanta esperança. Se podia, inclusivamente, ser ainda reeducado. Estendi a mão, disse-lhe dá-me a tua mão. Ela manteve a serenidade e a distância, disse aqui não. De facto, com tanta gente à nossa volta, não era conveniente. Podia haver por ali, de olhos assestados em nós, de gravador no bolso, de câmara minúscula na lapela do casaco, algum agente da CIA, do KGB, da PIDE ou do FBI. Sei lá.

A dignidade, a compostura irrepreensível dela impressionavam-me, obrigavam-me a sair da minha gaiatice. Acabaram-se as infantilidades, pensei eu, acabou-se o meu prazer de brincar com coisas que para outras pessoas são sérias. Tão sérias que muitas vezes eu, cansado de exageros, sabendo que não valia a pena o esforço, me enfasiava. Mas ao pé dela o tempo passou depressa. Aquela estranha de óculos escuros e ar meio

severo que tinha querido ver-me antes de ir fazer o seu turno no hospital estava a preparar-se para me deixar ali sozinho, ia-se embora. Ouvi-a dizer: tenho de ir. Já sei, respondi eu. E sem me mexer, não sei se com uma ironia despropositada, disse-lhe até amanhã. Ela levantou-se e foi-se embora. Tão compenetrada, tão responsável, minha querida. Ninguém a desviaria do seu percurso, ninguém a impediria de cumprir os seus horários.

Eu não me recordava de ter lidado de perto com uma pessoa assim. Tinha-me dito que não se deitava depois das dez da noite. Quando eu confessei que me deitava frequentemente às duas da manhã ela riu-se: como é que vamos conciliar as coisas? Ou os meus horários mudam ou isto não vai longe, pensei eu. Mas não disse nada. Talvez ser amado por ela me levasse a mudar alguns dos meus hábitos sem que isso fosse um sacrifício, quem sabe. Quem sabe, até, se eu não tinha, sem o saber, passado a vida à espera de uma mulher assim. Alguém que me obrigasse a levantar-me e a deitar-me, sem eu protestar, a horas mais decentes, a horas consideradas normais. Naquele momento, em todo o caso, admiti sem esforço essa possibilidade.

Apercebi-me, enquanto a via afastar-se, de que as pernas dela, que eu nunca vira nuas a não ser numa fotografia, tinham excitado a minha atenção. As pernas, o rosto matinal e o cimo do peito que a rendinha do *top* branco tornava mais apetecível. Senti-me impaciente. Levantei-me, decidi ir tomar o pequeno-almoço noutra café. Necessitava de reflectir no que me estava a acontecer. Queria saborear a minha vida. Pensei que se ela não me tivesse telefonado estaria ainda na cama a desaproveitar o belo sol que alegrava o dia. Meu Deus, as coisas que o meu ritmo de vida absurdo me fazia perder.

Não sou psicanalista nem acredito muito em psicanalistas, a maior parte são uns charlatães. Mas li Paul de Man (*Blindness and Insight*, exactamente) e acho que ele tem razão neste ponto: o sentido dos nossos actos, das nossas escolhas, da nossa vida, escapa-nos em grande parte. Não vou “desconstruir-me”, mas não duvido de que a minha cegueira acerca da minha própria existência seja avassaladora. Preocupante não, isso não creio. Não sou irresponsável, mas tenho de admitir que só tenho levado a sério as pessoas e os projectos que têm resistido à minha tentativa adolescente ou infantil, demoníaca, de os destruir. Não me interpretem mal: eu sou respeitador, eu gostaria de respeitar humildemente tudo o que me ensinaram que se deve respeitar. Só que não consigo. Nem as pessoas, nem as instituições, nem o que tem sido o meu trabalho, nem as opiniões que querem que eu respeite têm resistido seriamente, na maior parte dos casos, à fúria destruidora da minha lucidez, da minha capacidade de reflexão e de entendimento. Sobreviveram em mim instintos selvagens, um bom senso ancestral que resiste à doutrinação e à opressão de todos os catecismos? Suportar a ignorância camuflada em sabedoria, a arrogância boçal, a mentira, está acima das minhas forças? Não sei. Para obedecer e respeitar tenho de acreditar e de admirar. É tarde de mais para escapar ao meu destino.

Admitamos portanto que eu nunca soube amar, que nunca mereci o amor. Toda a vida fui um rebelde, homem de pouca fé, um desadaptado, pessoa pouco sociável. Mas não é verdade, o problema não pode ser esse, pois eu facilmente acredito no amor. E se o amor, apesar da intensidade e imensidão da minha crença nem sempre triunfou, tem de ter sido por outras razões, não por falta de fé inicial. Resistam-me, por favor. Não se deixem destruir, peço-vos. Não se iludam com o meu ar brincalhão, com o meu sentido de humor, com a minha aparente ingenuidade, com a minha ignorância, com a minha modéstia, com a minha estupidez. Obriguem-me a acreditar que sou amado. Eu sou um tipo sério, juro. A credibilidade das pessoas, das instituições, dos valores, dos

projectos, das obrigações é que tem sido insuficiente. Como é que eu, por exemplo, podia, sem desrespeito pela minha inteligência, ter levado a sério as aldrabices do senhor Bush, do senhor Blair e de todos os vigaristas que os rodeiam quando eles decidiram invadir o Iraque? Peço desculpa por ser ou muito mais inteligente do que eles ou apenas mais honesto. O sentido das palavras, afinal, tem-me nalguns casos merecido mais respeito do que eu imaginava. Não gosto de guerras, evidentemente, mas também não gosto que me tomem por parvo. Imagino que me deve ter acontecido a mesma coisa nas relações pessoais e profissionais: desilusão, descrença, frustração. Eu tinha preparado as minhas pernas e os meus pulmões para subir à montanha elevada e difícil. A montanha era uma colinazinha inofensiva, não havia nada a subir. Fiquei a fazer castelos de areia cá em baixo, à sombra dos pinheiros. Só se pode subir quando há aonde subir. Que queriam que eu fizesse? Que construísse eu próprio a montanha para depois poder subi-la? Não exageremos.

Voltemos então à questão que me preocupa neste momento. Uma mulher tem nos últimos meses feito o possível por me deixar acreditar que me estima e que conta vir a amar-me. Já disse que foi ela que me tirou da cama esta manhã. Eu fui ter com ela à esplanada de um café e conversámos dez minutos. Dez preciosos minutos.

O amor dá-me jeito. Ocupa-me. Tira-me do tédio. Se é ilusão, enquanto dura dá sentido à minha vida. A desilusão, se acontece, também me ocupa durante algum tempo, prolongando sob a forma da dor, do rancor e da insónia, o amor já falecido. As interrogações, o sentimento de culpa, a raiva ou o ressentimento fazem ainda parte da história que não quer ser cadáver e se recusa a ser sepultada. Tudo o que nos acontece é espantoso e devia suscitar a nossa gratidão.

Há um ano ainda, eu vivia na ilusão do amor de uma mulher. Hoje nem sequer sei onde ela está, nem isso me preocupa já. Paz aos mortos. Antes de desaparecer definitivamente da minha vida, ela teve a gentileza de não negar o que eu tinha descoberto sem a sua ajuda: que ainda amava – balelas! como se ela soubesse amar ou o amor lhe interessasse – outro homem, o mesmo que já tinha tentado amar duas vezes antes, sem sucesso, enquanto vivia comigo. Embora eu próprio estivesse irremediavelmente desiludido com ela e perdê-la de vez me libertasse de um pesadelo que parecia não ter fim, não se imagina o que eu sofri. Não fui montanha que ela apercebesse e pudesse subir, paciência. Assim se resolveu decisivamente o problema. Entretanto, e porque o presente é um tirano com exigências inadiáveis, fui-me desabitando do passado. Urtigas com ele. Esse desapego à dor de uma desagradável frustração deve alguma coisa, embora não deva tudo, a outra mulher. Em vez de ficar morbidamente a ler e reler o último capítulo da novela antiga, o meu espírito entrou pelo universo por corromper de outra ficção. É aí que ainda está. Não há narrativas simples, porém. À medida que o espírito vai penetrando na floresta desconhecida da nova obra, muitos caminhos e veredas novas se erguem diante dele. Meto a mão no bolso, onde tenho o mapa? Não há mapa. E só é simples o que se apercebe de longe, com olhos de ver mal.

Às vezes a menininha que ela é reaparece na sua vulnerabilidade. Mas comparado com ela, com a seriedade da sua vida, com o seu sentido adulto das responsabilidades, eu não passo, neste momento da minha vida, de um rapaz mimado e caprichoso. Perguntei-me: o que é que ainda vou aprender com ela? Sobre mim, sobre o que fui, sobre o que sou, sobre o que podia ter sido? Quando há dias, cansada como é costume, ela saiu do hospital às sete e tal da tarde e me telefonou sem razão, fiquei feliz como uma criança que a mãe excessivamente ocupada, sempre exausta e à beira de um esgotamento, decide uma tarde, sem avisar, levar ao jardim

zoológico. Depois da alegria, fiquei pensativo. Quanto tempo é que isto vai durar? Ela vai mesmo gostar de mim, precisar de mim, deixar-me precisar dela? Não se vai aborrecer ao meu lado? Não lhe vai apetecer ir-se embora à procura de outra vida, de outras experiências, de outro amor? E eu, não me vou aborrecer, não vou sentir-me de novo mal-amado, não vou descobrir que perdi a capacidade de me interessar seriamente por outra pessoa? Já me apeteceu esconder-me dela, esquecê-la, não a deixar encontrar-me, não a procurar nunca mais. Ficava-me a recordação. Evitava ter de sofrer mais tarde ou fazê-la sofrer a ela. Mas não pude ou não quero fugir. E não me parece que tenha de justificar-me. Se ela conhece tanta gente, se há outros homens que a querem e ela prefere encontrar-se comigo, deve haver uma razão. Entretanto, pensando nela, imaginando-a a sorrir no meu futuro, escapo ao tédio e não perco tempo nem energias a recordar a outra cabra, aquela que me atraçou e nunca entendeu os meus sentimentos. A minha vida é de novo mais vida do que eu esperava. Os males sempre vêm por bem, basta não desesperar e estar atento.

Não me vou apressar, cansar, zangar, protestar. Não há razão para isso. Tudo o que diz respeito ao amor, já entendi, parece que escapa à minha compreensão. Embora eu não mereça ainda uma dedicação tão intensa, possivelmente já sou amado. O que é ser amado, porém? Desculpem-me uma afirmação sentenciosa: contrariamente ao que se pensa, o amor não existe. Ou antes, o amor existe, mas não é bem aquilo que a gente pensa, não é nunca o que a gente imaginava, não é aquilo de que a gente estava à espera. Descobre-se logo ou descobre-se mais tarde, mas aquilo a que chamamos arrogantemente o amor, convicção construída não se sabe como a partir da experiência própria e alheia, é um mal-entendido. É com esse mal-entendido que tenho andado a debater-me. Há quanto tempo? Nem sei. O erro, já percebi, é a gente levar ciência e hábitos de leitura antigos para a obra inédita e original, o que cria inúmeros problemas e desentendimentos.

Se se soubesse o prazer que me tem dado descobrir a imensidão da minha ignorância. Nunca me servirá de nada o que aprendi porque na vida não existe repetição, o que acontece só acontece uma vez. A experiência, em vez de nos tornar mais sábios, funciona como um filtro que ou deforma ou impede de ver. Que nos embrutece. Não fico triste nem estou preocupado. Quem foi que disse que a função do amor é fabricar desconhecido? e. e. cummings, claro. Eu estou inteiramente de acordo. É possível que a vida só volte a apetecer-nos depois de se reabilitar aos nossos olhos através da ignorância que temos dela. É mesmo possível que não haja outra justificação para a nossa obsessão com o amor.

Que têm as pernas nuas dela, que hoje descobri, surpreendido e interessado, pela primeira vez, a ver com tudo isto? Muito, evidentemente. Mas é preciso explicar? Acho que não.

**Fim**



**João Camilo** é desde 1989 Professor Catedrático de Literatura Portuguesa e Brasileira na Universidade da Califórnia em Santa Barbara e Director do *Center for Portuguese Studies* na mesma universidade. Actualmente ensina dois cursos por ano no novo programa de Literatura Comparada da UCSB. Em 1997 foi nomeado Professor Catedrático na Universidade de Haute Bretagne em Rennes. Entre 2000 e 2003 foi Conselheiro Cultural da Embaixada de Portugal em Londres. É licenciado em Filologia Românica pela Universidade Clássica de Lisboa. Doutorou-se em França em 1983 com uma tese de *Doctorat d'Etat* sobre os romances de Carlos de Oliveira (*Carlos de Oliveira et le Roman*, Paris, Fondation Calouste Gukbenkian, 1987). Em 1994 criou na UCSB a revista *Santa Barbara Portuguese Studies*, que dirige. Antes de ser contratado como Professor Catedrático pela Universidade da Califórnia, em 1989, tinha ensinado nas Universidades de Oslo, Rennes, Provence e Grenoble. Tem publicados onze livros de poemas, entre os quais *A Mala dos Marx Brothers* (Caminho, 1989) e *Nunca Mais se Apagam as Imagens* (Fenda, 1996); dois livros de ficção, *Retrato Breve de J. B.* (Paisagem, 1975; Fenda, 2ª ed., 2005) e *O Grande Frémido da Paixão* (Fenda, 2002); um volume com pequenas peças de teatro, *Uma Sonata de Brahms e Outros Diálogos* (Covilhã, Capital do Teatro, 1998). Publicou, além da tese de doutoramento sobre os romances de Carlos de Oliveira, *Os Malefícios da Literatura, do Amor e da Civilização* (sobre romances de Camilo Castelo Branco; Fim de Século, Lisboa, 1992) - e estudos sobre Eça de Queirós, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Camilo Pessanha, Fernando Pessoa, a literatura dos Descobrimentos, o romance português contemporâneo, entre outros.

Letrário\* *editora*

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

[http://www.letorario.pt/1\\_pt/900/9001.htm](http://www.letorario.pt/1_pt/900/9001.htm)

+ 351 21 711 20 20

[letorario@letorario.pt](mailto:letorario@letorario.pt)